

MINERAÇÃO

Vale negocia com Xstrata, com 'prudência'

As ações da Vale caíram ontem 11% por causa da crise internacional e dos riscos ligados ao negócio

RIO

A Vale confirmou ontem que está negociando a compra da mineradora anglo-suíça Xstrata. Embora a empresa não comente valores, a proposta seria de US\$ 90 bilhões – quase quatro vezes tudo o que a Vale já gastou em aquisições desde 2000, incluindo a canadense Inco, por US\$ 18,2 bilhões, em 2006. A compra representaria mais que o triplo do recorde de investimento brasileiro no exterior em um ano – 2006 –, segundo o economista Antonio Corrêa de Lacerda.

Em um comunicado, a Vale informa que está mantendo contatos com a Xstrata “no contexto do processo de consolidação global da indústria de mineração”, e que os entendimentos não chegaram “a qualquer resultado concreto”. A expectativa é que a oferta demore alguns meses para ser concretizada.

A Vale também destacou, no comunicado, que analisará o negócio com cautela. “A Vale tem presente que as condições correntes do mercado internacional de capitais representam um grande desafio no contexto de qualquer movimento estratégico de porte e, portanto, manterá a postura de prudência que tem caracterizado sua gestão ao longo dos anos.”

Embora não assumam abertamente o desejo de comprar a Xstrata, competidores da Vale teriam interesse no negócio. Ontem, a presidente mundial da Anglo, Cynthia Carrol, disse não descartar uma negociação, mas indicou que a prioridade é o crescimento orgânico.

“O foco é na Anglo American. A empresa tem grande va-

Xstrata evita falar sobre a Vale

... Na Suíça, a Xstrata confirmou que está em diálogo com outra empresa, mas evitou entrar em detalhes sobre a negociação, deixou claro que não tem ainda um acordo e não mencionou o nome da Vale. Para responder às questões dos jornalistas sobre as conversas, os porta-vozes da empresa apontaram para um cauteloso comunicado lançado em dezembro, e que seria também a resposta oficial da companhia em relação à negociação com a Vale.

Segundo a declaração, a companhia com sede na pequena cidade de Zug confirmou que “as

interações com outros participantes da indústria incluem diálogos com um número de parceiros” e que esse diálogo se refere a vários assuntos de “mútuo interesse, tais como a consolidação da indústria”.

“A Xstrata está continuamente revendo as oportunidades dentro da indústria como forma de dar mais valor a seus acionistas. Nenhuma dessas discussões preliminares resultou ainda em alguma proposta feita para ou pela Xstrata”, afirmou a companhia. ● JAMIL CHADE

lor a ser desenvolvido, e é aí que focamos nossa atenção”, afirmou a executiva, que concedeu entrevista no Rio para comentar a compra, na semana passada, de ativos da MMX. “Mas não fechamos as portas para nada.”

No comunicado, a Vale informa que “continua a analisar outras opções envolvendo outras empresas do setor, igualmente sem qualquer conclusão”. E confirma que tem discutido com instituições financeiras eventual apoio caso se concretize “alguma das opções que estão sendo avaliadas”. Fontes próximas à Vale informam que a mineradora estaria terminando de formar consórcio de bancos para financiar a compra, incluindo Merrill Lynch, Lehman Brothers, HSBC, Credit Suisse, Citigroup e Santander.

Analistas financeiros dizem, porém, que as turbulências no mercado internacional podem ser um entrave aos planos da

Vale. “O mercado está muito volátil. Uma troca de ações agora não seria tão simples assim”, afirmou o chefe do departamento de análise do HSBC, Renato Onishi. As informações são de que a Vale poderia usar ações preferenciais como pagamento de parte da operação.

Onishi diz que, do ponto de vista operacional, a compra é um bom negócio. A Xstrata é forte em áreas em que a Vale não tem grande participação, como cobre, zinco, carvão e níquel. Para o banco Liberum Capital, a incorporação da Xstrata poderia trazer sinergias de US\$ 1 bilhão ao ano. Ontem, as ações preferenciais da Vale caíram 11,3%, por causa da crise internacional e das preocupações com os gastos para a aquisição. ● NILSON BRANDÃO JUNIOR, NICOLA PAMPLONA, MÔNICA CIARELLI e HÉLIO BARBOSA



DISPUTA - Sede da empresa anglo-suíça Xstrata, que está negociando com a Vale e outras mineradoras

LONDRES

A anglo-australiana BHP Billiton, maior mineradora do mundo, estuda uma oferta hostil “pré-condicional” pela também anglo-australiana Rio Tinto, a terceira maior mineradora global, o que lhe permitiria ganhar até um ano para elevar a proposta e possivelmente conseguir uma recomendação por parte da diretoria da Rio Tinto. A informação foi divulgada pelo jornal australiano Sydney Morning Herald.

Sem citar a fonte, o jornal diz que a BHP pode formalizar a proposta de troca acionária na base de três para uma, o

que dá à Rio Tinto um valor de cerca de US\$ 150 bilhões. A oferta já foi rejeitada pela Rio Tinto. A formalização da proposta da BHP ocorreria antes da data-limite de 6 de fevereiro, fixada pelo Takeover Panel (órgão regulador de fusões na Grã-Bretanha).

A oferta formal seria pré-condicional à liberação do acordo pelos órgãos reguladores globais. A expectativa é que os órgãos levem de 9 a 12 meses para analisar a operação, permitindo que a BHP de fato amplie para até um ano o prazo para elevar sua oferta, segundo o jornal. Um porta-voz da BHP em Londres disse que a

empresa ainda não tem uma decisão final sobre a Rio Tinto.

RECUSA

A BHP anunciou seu interesse na compra da rival Rio Tinto em novembro. A junção da primeira com a terceira maior mineradora do mundo criaria uma gigante com valor de mercado aproximado de US\$ 350 bilhões. A Rio Tinto, porém, tem feito todos os esforços para se livrar da proposta.

A análise da Rio Tinto é que a oferta subvalorizava a empresa. Desde que o interesse foi revelado, a Rio Tinto já anunciou um aumento de 30% nos dividendos, um programa de venda de ativos que pode chegar a US\$ 15 bilhões e investimentos de US\$ 2,4 bilhões em novas minas. Todas as medidas são parte da estratégia para para justificar sua rejeição à oferta da BHP. ● AGÊNCIAS INTERNACIONAIS

MERCADO

Disputa embolada no ranking de fusões

Citi fica em primeiro em negócios anunciados em 2007

Patrícia Cançado

Por uma diferença de apenas R\$ 83,6 milhões, o Citi ficou com a liderança no ranking anual da Thomson Financial das fusões e aquisições anunciadas em 2007. O banco americano estava por trás de 31 negócios, que movimentaram US\$ 17 bilhões. Essa foi considerada uma das disputas mais acirradas da história. Até a divulgação dessa lista, três bancos tinham chance de assumir a primeira posição.

O segundo e o terceiro lugares ficaram, respectivamente,

com o Credit Suisse e o ABN Amro Real. Juntos, os três bancos estiveram por trás de operações de quase US\$ 50 bilhões. Em 2006, a distância entre o primeiro (Credit Suisse) e o segundo (Goldman Sachs) foi de US\$ 1,5 bilhão.

“Eu não me lembro de ter visto uma diferença tão pequena como essa em outros anos. A briga pelo título foi grande porque o mercado tem enorme potencial”, diz o presidente da área de investimentos do Citi, Ricardo Lacerda, para quem a liderança está associada à capacidade do banco e de sua equipe

de fechar negócios. O banqueiro e seu time já estiveram à frente do ranking em dois outros anos, quando trabalhavam no Goldman Sachs (em 2007, o G.S. foi o quarto da lista, com operações anunciadas de US\$ 9,4 bilhões).

O mercado de fusões e aquisições brasileiro provoca tamanho frisson porque está subdimensionado. Segundo dados compilados pela equipe de analistas do Citi, o percentual de operações sobre o valor total de mercado das empresas, hoje por volta de US\$ 1 trilhão, ainda é considerado baixo se com-

ANTONIO MILENA/AE - 29/5/2005



APOSTA - 'O Brasil tem enorme potencial', diz Ricardo, do Citi

parado a outros países desenvolvidos. No Brasil, ele foi de 5,2% no ano passado, enquanto nos Estados Unidos ficou em 10,5%, o que revela potencial de crescimento. “Tudo caminha para um ano excepcional, apesar da crise financeira dos EUA”, acredita Lacerda. “Nosso otimismo tem um grau de cautela, mas os emergentes aparecem como alternativa. O mundo é muito interligado, mas o grau de oscilação do País hoje é muito menor que no passado.”

Na opinião do banqueiro, três grandes movimentos devem estimular as operações neste ano. O primeiro deles virá de grandes grupos brasileiros, como Vale, Petrobrás, CSN e Gerdau, que se capitalizaram nos últimos anos graças a alta no preço das commodities. As empresas que abriram capital recentemente, todas com o cofre cheio, também devem ir às compras. Afinal, as fusões e aquisições são um atalho para o crescimento rápido, tão cobrado pelos acionistas. Os fundos de private equity, que compram participação em empre-

LINHA DE FRENTE

Os bancos que mais fecharam negócios em 2007

EM BILHÕES DE DÓLARES

BANCO	VOLUME DE TRANSAÇÕES
1.º Citi	17,02
2.º Credit Suisse	16,94
3.º ABN Amro Real	15,72
4.º Goldman Sachs	9,40
5.º UBS	9,08

FONTE: THOMSON FINANCIAL. INFOGRÁFICO/AES

As, devem liderar o terceiro movimento. “Essa é uma tendência ascendente no Brasil”, diz Lacerda.

Em 2007, a indústria de fusões e aquisições movimentou US\$ 57,7 bilhões no País. Foram anunciados 635 negócios. No ano anterior, o volume foi de US\$ 57,1 bilhões, com 298 operações. Para este ano, os banqueiros prevêem que esse número ultrapasse US\$ 100 bilhões. Mas a cifra ficará modesta caso a Vale faça a oferta de US\$ 90 bilhões pela Xstrata. ●

IMÓVEIS

Fundo compra torre da Projeto Rio por R\$ 422 milhões

A Projeto Rio – empresa controlada pela Tishman Speyer e a Camargo Correa Desenvolvimento Imobiliário (CCDI) – anunciou ontem a venda de sua participação em uma das torres do Ventura Corporate Towers a um fundo de investimentos estrangeiro por R\$ 422 milhões. O Ventura é um empreendimento localizado no centro da cidade do Rio de Janeiro, formado por duas torres. A primeira tem 48 mil m², dos quais 42 mil m² pertenciam à Projeto Rio e foram vendidos. A entrega está prevista para junho.

A segunda torre, que ainda está sob controle da Projeto Rio e tem cerca de 55 mil m², deve ser entregue em 2010. “Com o aquecimento do mercado imobiliário, não duvidamos que a segunda torre venha a receber proposta semelhante”, diz Daniel Citron, presidente da Tishman Speyer. “Especialmente porque há uma carência muito grande de imóveis comerciais no centro do Rio de Janeiro.”

Para Roberto Perroni, diretor superintendente da CCDI, a oferta não se deveu apenas à localização, mas também ao fato de o prédio ser um “green building” certificado internacionalmente. “Grupos internacionais querem espaços modernos e sustentáveis. Com reúso de água e dissipação de calor, essa torre já havia despertado interesse das empresas, e o fundo deve ter um bom retorno ao comercializá-lo.” O nome do fundo será anunciado na entrega da torre. ● ANA PAULA LACERDA

A ITAPLAN acaba de fechar mais uma parceria com a



para lançar e comercializar o Ellandra Park 3 e 2 dormitórios, ambos com suíte, 1 ou 2 vagas e terraço grill, no Ipiranga, Rua do Grito, 479.

ITAPLAN
Um sistema diferente de venda

Central de vendas: Rua Pedroso Alvarenga, 900 - 3º andar
Tel: 3167-2233
www.itaplan.com.br - Crecet: 346-J

AGUARDE BREVE LANÇAMENTO NO ESTADÃO